

## BILDUNG (FORMAÇÃO) COMO VIAGEM É A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE

Raimundo Rajobac<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto reflete o viver como imprecisão e não-domínio. Busca contribuir com a ampliação do sentido do conceito de formação (*Bildung*), pois, enquanto viagem, ele designa um movimento dinâmico e hermenêutico que nos põem entre a estranheza e familiaridade. É central a pergunta pelo que nos tornamos, e, parte em direção ao movimento misterioso que conduz a vida, sabendo que a marca do mesmo é imprecisão, inconstância, confronto, fronteira, travessia. O outro é compreendido como presença que desestabiliza de forma que o crescimento não está no retornar a si mesmo, mas em reconhecer um mundo infinito jamais dominável ou conceitualizável. Esse é o sentido geral da experiência da alteridade. Como experiência formativa questiona-se o retorno a si mesmo a partir do outro, orientando a deixar valer em nós, algo que é contra nós. Com categoria de Destino perguntamos pelo tempo da formação, o qual, ao contrário de forças pragmáticas e utilitaristas, não pode ser entendido como fluxo, nem mesmo possui um fim. Dessa forma as experiências formativas, que devem necessariamente conceber a dinâmica da vida, abrem-se não só às certezas do viver, mas, sobretudo à possibilidade do incerto.

**Palavras-chave:** Destino. *Bildung*. Formação. Travessia. Alteridade.

**ABSTRACT:** The text reflects life as vagueness and non-domain. It seeks to contribute to the broadening of the meaning of formation (*Bildung*) concept, as it appoints a dynamic and hermeneutical movement which places us between weirdness and familiarity. It is essential to inquire what we have turned into, and it heads for the mysterious movement that conducts life, knowing that its imprint is inaccuracy, changeability, confrontation, border and crossing. Someone else's presence is perceived as disturbing, and growth does not rely on returning to oneself, yet, on recognizing an endless world that shall never be dominated or conceptualized. This is the general meaning of the experience of otherness. As a formative experience the return to the self through the other person is questioned, leading us to allow the prevalence of something that is against us. Being categorized as Fate the formation time is questioned, which, in opposition to pragmatic and utilitarian forces cannot be understood as a flow and it does not even hold an end. Thus, the formative experiences, which are supposed to conceive the dynamics of life, unfold not only to the certainty of life, but also to the possibility of the unknown.

**Keywords:** Fate. *Bildung*. Formation. Crossing. Otherness.

\*\*\*

Que nos diz essa palavra assombrosa a qual denominamos Destino? Para nosso diálogo a partir das ideias que perpassarão esse ensaio, Destino não poderá ser entendido como predestinação, nem mesmo deverá designar algo dado como certo em algum futuro próximo ou distante. Ele deverá nos remeter ao contrário de qualquer certeza a respeito desse acontecimento ao qual denominamos vida. Para a história de um migrante, de quem se aventura na travessia, Destino designa imprecisão e se coloca contra toda e

---

<sup>1</sup> Professor efetivo no Departamento de Música da UFRGS; doutor em Educação pela PUCRS; mestre em Educação pela UPF. Graduado em Filosofia, Música e Teologia. E-mail: rajobac@gmail.com

qualquer ideia de domínios, cálculos, planos e certezas. É com esse sentido geral que a retomada do tema do Destino tornou-se dimensão fundamental para o campo da arte e de modo pontual para o campo da crítica da epistemologia moderna, aquela que se autorizou o controle sobre tudo e todos: sobre a história e a própria vida. Compreende-se aí, por exemplo, a centralidade que a temática ocupou no todo da obra de Nietzsche, que ao retomar a experiência trágica da Grécia arcaica, anunciou o *amor fati* (o amor ao Destino) como princípio da sua moral. O viver como imprecisão e não-domínio me parece ser a marca da vida de quem está em viagem, de quem fez a experiência da partida e de novos encontros. Pensando assim, me parece possível e positivo a ampliação do sentido do conceito de formação, pois, enquanto viagem, ele designa um movimento dinâmico e hermenêutico que nos põem entre a estranheza e familiaridade. Desse modo, a pergunta pelo que nos tornamos, parece requerer uma investida constante em direção ao movimento misterioso que conduz a vida, sabendo que a marca do mesmo é imprecisão, inconstância, confronto, fronteira, travessia.

\*\*\*

O dia da minha partida vive em mim com a mesma intensidade. Já se passaram 20 anos desde aquela noite. Nas pequenas cidades do interior do Maranhão, com pouca iluminação, a noite é uma experiência densa, misteriosa. O dia da minha viagem foi marcado para o dia primeiro de janeiro de 1998. De todas as vivências possíveis daquela experiência cultural que tanto me apraz, me estremecia o caso de amor e proximidade entre mim e minha mãe. Naquela noite dividi minha angústia e felicidade entre ela e alguns amigos que festejavam o início do novo ano. Naquela cidadezinha eu vivi momentos inesquecíveis de felicidade e angústia. Todos eles típicos de uma vida simples, austera e verdadeira. É certo também que aquele juvenzinho com 16 anos, recém completados, em um horizonte limitado, não conseguia talvez enxergar muito além da grande Serra dos leões que se estende como um paredão a poucos quilômetros de sua casa. Sou de uma família de dez irmãos. Todos, impulsionados pela toda poderosa força do Destino, tiveram que partir. Minha mãe nunca chorava no momento da partida. É sabido que ela o fazia posteriormente, na sua intimidade, e por vários dias. O não chorar sempre pareceu para mim, um gesto de força daquela que, mais que eu, experimentou a travessia. Eu também não chorei. Também a intensidade do não-chorar permanece em mim. A saudade, essa palavra bela de nossa língua, é também a minha marca. A marca da relação com minha mãe, irmãos, amigos, com a minha história. Em

certa medida, o que hoje me tornei, e a maneira como experimento os lugares longínquos nos quais vivi e vivo designa um devir no qual se reconhece aquele que fez a experiência da viagem.

\*\*\*

Em Sambaíba, ao sul do estado do Maranhão, na época com aproximados três mil habitantes, esperava-se, às 5h, na calçada da casa paroquial, um ônibus que, vindo de Loreto, levava pessoas até a cidade de Balsas, meu primeiro Destino fora de casa. Não existe ali uma rodoviária. Depois de viver um pouco a festa de fim de ano com amigos muito próximos, voltei para junto da minha mãe e vivemos, naquela noite, longos momentos de silêncio que se quebravam, da parte dela, em perguntas sobre a bagagem na busca por evitar esquecimentos. Ela não dormiu a noite inteira e seu olhar destemido dividia-se entre a tristeza e a certeza de que assumir a minha viagem era o caminho para encontrar a mim mesmo, minha liberdade e autonomia. Ela queria, e estava claro, que eu pudesse alçar voos para além da Serra dos leões. O ônibus surgia de uma rua escura e precária na direção leste da calçada onde esperávamos. Era uma rua longa, com um calçamento envelhecido feito de pedras e cimento na parte mais próxima da casa paroquial, e chão batido no seu restante. Em seu meio existia uma depressão, o que permitia ver os incandescentes faróis do ônibus desde muito longe. Não trocamos uma palavra até que ele chegasse. Vivemos um silêncio repleto de conteúdo e muitos sentidos. Era como se nos entendêssemos, e de fato o foi: compreendo bem hoje, vinte anos depois daquela partida. Eu e minha mãe tínhamos os mesmos medos e desejos – e no silêncio, nos reconhecíamos em afetos. O ônibus empoeirado e de aspecto envelhecido cobriu com sua sombra o pouco de luz que nos restava, fez-nos sentir a noite densa e abriu a sua porta. Após guardarmos a mala, nos despedimos.

\*\*\*

Tenho em mim guardada toda a força daquele momento. A minha viagem me conduziu para mundos diversos, os quais aprendi a amar e me ensinaram a descobrir-me. Eu passei a integrar uma comunidade seminarística na cidade de Balsas. Com dezesseis anos passaram a me compor sentimentos de estranhamentos e felicidades naquele universo novo no qual encontrei o diferente. Com um marxismo de fundo e uma

teologia da libertação pulsante, aquele ambiente austero e despojado alargou meu horizonte. Ali vivi de forma apaixonada, me senti acolhido e amei a muitos que dividiram comigo aquelas vivências. Em uma experiência religiosa aprendi logo a compreender minha presença naquele universo como providencial. A providência divina, ideia teológica que tem o meu respeito, cumpriu na minha vida o ponto a partir do qual se interpretava a história e os acontecimentos da vida. De outro modo, o sentido de Destino que agora lanço mão para conduzir esse ensaio, está para além do providencial, ele quer superar qualquer sentimento de segurança – aponta para o acidental; para os acontecimentos da vida, aqueles dos quais conseguimos apenas dizer como aconteceram e buscamos um sentido posterior. Aqui os ideais de explicação e predestinação não cumprem papel. De 1998 a 2000 vivi na cidade de Balsas. Com o fim do ensino médio, outra viagem foi-me necessária: a mudança para São Luís, a capital do Estado, para o início dos estudos de filosofia. Vivi em novas comunidades seminarísticas, meus mais significantes estranhamentos. Os quais passavam pelo encontro com outras concepções teológicas em tensão com os afetos que em mim surgiam da relação com aquela cidade antiga, envelhecida, cheia de história, força, alegrias e sofrimentos.

\*\*\*

Tudo me conduzia a um autodescobrimento, o que coincidia com conhecimento de si. A viagem é a marca do meu processo formativo e, com ela, todo o mundo subjetivo de quem parte. Minhas vivências nesse mundo seminarístico foram sempre tão intensas e positivas, que aquele caminho vocacional para as artes e filosofia sempre esteve ali, como se não houvesse outro: é o mesmo que me realiza pessoal e profissionalmente até hoje. Passados três anos dos estudos da filosofia, uma grande viagem surgiu na minha vida. Eu passaria a morar em Passo Fundo, no sul do país, para os estudos de música e teologia. De fato, após esse caminho (*Erfahren*), o vale do Rio Balsas onde nasci, que se vê protegido pela Serra dos leões, demarcava apenas um ponto do cosmos: eu agora havia descoberto vários outros. Na verdade, descoberto a angústia constante, própria de quem se depara com a infinitude do universo. Em 2004 parti em direção a Passo Fundo: até o momento minha vivência mais marcante em relação ao desconhecido. Tratou-se da saída do meu mundo cultural para outros mundos culturais com histórias, vivências, compreensões e sentidos totalmente diferentes. A exigência da experiência recaiu no

dar-se conta de si ao se deparar com a diferença. Minha viagem de vida foi adquirindo muito cedo essa característica fundamental – eu não só descobria universos diferentes, eu descobria a mim mesmo. Um processo feliz e angustiante, de aceitações e recusas. Um embate comigo mesmo, parece ser a ideia marcante do meu percurso. Passo Fundo foi minha mais marcante experiência de crescimento. Passei a integrar uma comunidade seminarística para os estudos teológicos e em seguida iniciei meus estudos na área da música. Distante de casa, estrangeiro em uma nova terra.

\*\*\*

Meu primeiro estranhamento feliz foi atravessar o Brasil de ônibus saindo de Balsas – MA até a cidade de Carazinho – RS. Cinquenta e cinco horas de viagem ininterruptas. Já pude experimentar ali, na vida do ônibus, rostos, ideias, sotaques e energias de pessoas que entravam e saíam em diversas cidades, todas elas ou totalmente desconhecidas por mim, ou conhecidas apenas pelo nome. Ao chegar na rodoviária de Carazinho, me esperava concentrado e tímido Padre Elli Benincá, pessoa colocada em minha vida pela força do Destino, e a qual, eu nunca mais pude deixar de amar. Em cuidado à minha chegada ele decidiu se deslocar até Carazinho e me levar em seu carro para a casa onde moraríamos juntos por quatro anos: ali veríamos nossos laços paterno e filial se aprofundarem. A figura de Benincá como formador e os estudos da teologia compõem na minha vida momentos profundos de crescimento, abertura, revisão de preconceitos e posições. Também um movimento de descoberta de um Raimundo que já não o era mais. Esse nos parece ser, e deve ser compreendido como o pano de fundo desse ensaio, com a ideia de *Bildung* (Formação) como viagem. Trata-se do ideal de formação como experiência da alteridade (BERMAN, 1984). Em Passo Fundo meu encontro com a música, que estava nas vivências da cidade onde nasci e que havia perpassado toda a minha experiência seminarística, ganhou seu aspecto formal no início da faculdade de música. Trata-se no todo da minha errância, do mergulho no mundo das artes, caracterizado pela inconstância e imprecisão do modo de ser do estético. A teologia, inspirada no Vaticano II com uma teologia da *práxis* de fundo, me ajudou ao partir do diálogo e da metodologia participativa, reconhecer e interpretar o diferente para além dos domínios possíveis, me desafiando ao autoconhecimento e abertura.

\*\*\*

Minhas vivências nesse contexto envolveram filosofia, teologia e música, de modo que esse emaranhado vive em mim com uma mensagem feliz. Ela é feliz porque guarda as angústias do crescimento pessoal em diálogo com o outro. Desse mundo brotam em mim lembranças de pessoas que amei, que me ensinaram a crescer por terem me recebido e respeitado como diferente. Aconteceu então, que Cloto, a que tece o fio da vida e é responsável pelos nascimentos e partos, me conduziu no ano de 2011 a Porto Alegre, lugar que experiencio esteticamente e que nunca estive em meus planos desde que parti há vinte anos. Hoje me reconheço em situação de fronteira e em plena travessia: um Raimundo que se desvela na tensão entre a vida do Nordeste e a do Sul na abertura de possibilidades. Daí o alcance de nossa pergunta inicial sobre que é Destino. Minha experiência histórica de vida, ou dito de forma mais profunda, minhas vivências designam-me hoje como movimento perene. Estavam errados, de fato, os elatas ao pensarem que o ser é. A força do Destino mostrou-me a todo custo, que o ser é devir. Vale contra os eleatas aqui, a determinação heraclitiana de que a vida e o mundo são fluxos permanentes e que nada permanece idêntico. Minhas vivências em Porto Alegre passaram a ser impulsionadas pelo modo de ser do estético, e a experiência da arte confunde-se com a própria experiência de vida. Assumir nunca ser o mesmo, e, estar aberto a essa possibilidade foi o grande ganho da minha viagem. Resta ainda considerar que, a viagem considerada assim, assume o caráter do próprio Destino. Sendo assim, ela não tem ponto de chegada e só posso me reconhecer enquanto travessia: era, penso hoje, o que já estava no olhar da minha mãe quando parti naquela madrugada escura: ela parecia saber que eu não voltaria jamais.

\*\*\*

Ao aceitar a estranheza do percurso que acabo de apresentar rapidamente, aceitei a mim mesmo como presença. Assim, o amor ao Destino que esse ensaio apresenta como categoria formativa fundamental, não entende o tempo como fluxo, nem desenvolvimento como o lugar a se chegar. Designa antes, abertura. Em sentido gadameriano: estar disposto a fazer a experiência do tu. Mas de forma diferente do que se firmou por influência da filosofia do espírito hegeliana. Em Hegel é o retorno do espírito sobre si mesmo a partir do outro, que caracteriza a relação com a alteridade. Em Gadamer, essa dialética não é nem necessária, nem formativa, uma vez que ela toma

sempre o eu como fundamento. O outro é presença que me desestabiliza e, o crescimento não está em retornar a si mesmo, mas em reconhecer um mundo infinito jamais dominável ou conceitualizável. Esse é o sentido geral da experiência da alteridade. Como experiência formativa ela questiona o retorno a si mesmo a partir do outro, orientando a deixar valer em nós, algo que é contra nós (GADAMER, 2015). Em sentido nietzschiano entende-se que viver para os outros e outras coisas pode ser a medida protetora para a conservação da mais dura subjetividade. Daí sua escolha em dizer que toma partido dos impulsos, pois estes trabalham a serviço do cultivo do amor de si, do cultivo de si (NIETZSCHE, 2009). Com a categoria de Destino que agora tomamos como fundamento, tornar-se o que se é, como pretendeu Nietzsche, não coincide com a ideia de tornar-se algo que nunca se foi. Antes, quer mostrar os paradoxos que unem o ser e o vir a ser.

\*\*\*

No que diz respeito ao Destino, tenho a impressão que minha história e narrativa de vida, desvelam um sentido às vezes místico. Reconhecer-me hoje na fronteira designa indefinição. Isso nos coloca distante do ideal de identidade que marca não apenas a analítica aristotélica, mas sobretudo, toda a filosofia moderna que se ergue a partir do paradigma da consciência pura. Contraria também toda a pretensão de segurança e garantia de futuro que é promessa da ciência moderna e das perspectivas religiosas com uma moral cristã medieval de fundo. No todo desse ensaio, Destino deve estar ligado ao campo semântico do sentido grego do termo. Vários termos designam Destino no âmbito da mitologia grega. Não nos interessará uma investigação filológica a respeito dos mesmos. Interessa-nos o sentido que as Moiras ganharam num momento posterior a Homero. Três personagens Cloto (Κλωθῶ), Laquesis (Λάχεσις) e Atropos (Ἄτροπος). Elas se juntam no sentido geral da palavra *meiromai* que alude a obter por sorte, partilhar e repartir. Isso aponta, portanto, ao que cabe ou coube a cada um: o Destino. Acima até mesmo dos deuses do Olimpo, o ato de fiar, que cabia às mulheres gregas, adquire papel fundamental. Daí o entendimento de que Cloto, do verbo *klotein*, significa a que tece o fio do Destino: a que puxa o fio da vida. Laquesis, do verbo *lankhanein* designa a ideia de igualdade e submissão de todos à morte. Atropos, do verbo *trepein* a ideia e tarefa de cortar os fios, que significam também, cortar o fio da vida (LEÃO, 2016). No universo e no imaginário mitológico grego, essa concepção designa antes,

uma forma de interpretar a vida em todos os seus erros e acertos, alegria e frustrações. Em sentido estrito uma maneira de dizer que não temos domínio nem sobre o tempo, nem sobre a história e a própria vida.

\*\*\*

A imagem de Destino que, daí interpretamos, mostra-nos, como parece em minhas vivências e história, a ideia do fio de tear que, ao ser desenrolado, representa a própria trama da vida até o momento em que o fio pode ser cortado. Amor ao Destino, como vimos acima, requer reconhecer em si mesmo um não-poder, uma impotência, em relação ao curso da história, e à vida mesma. Existe de fato, algo de assombroso aí. Embora paradoxal, essa imagem só adquire sentido negativo quando interpretada nas trilhas das epistemologias e morais religiosas que pretendem deter um caminho certo a ser trilhado. Isso não é, em hipótese alguma, o que queremos afirmar aqui. Minha história de vida, caracterizada pela viagem e travessia, remonta ao sentido positivo dessa imagem. No sentido de que, compreender e aceitar os descaminhos da viagem significa dizer um sim à vida na sua concretude e ao que ela nos apresenta de angústias e realizações. Paradoxalmente estar certo do futuro e apresentá-lo como promessa correspondem a uma frustração maior e mais profunda que a afirmação da vida e sua dinâmica como incerteza e não segurança. A imagem das Moiras designa um não-domínio e relegam à dinâmica da vida, a autoridade máxima, desbancando qualquer pretensão de um sujeito de domínio. Enquanto presença, somos jogados no mundo, e, viver coincide com aprendizado e crescimento num movimento vital que nos perpassa e que se põe acima de nossos desejos e poderes. Trata-se da vida que sempre nos mostra algo novo e diferente, que frustra constantemente nossa ânsia por realização de planos e projetos. Quem sou então, nessa história? Alguém conduzido pela vida, e que sofre a todo instante, em aceitar que está com ela e o Destino, toda a autoridade e as maiores verdades a meu respeito.

\*\*\*

A Moira projeta um caminho que nem mesmo os deuses podem transgredir e se esforçam em não colocar em perigo a ordem do universo – compreendiam os gregos, (BRANDÃO, 1997). Em *Ésquilo*, tragediógrafo ao qual se apega Nietzsche para



reinterpretar como crítica da modernidade a noção de amor ao Destino: *amor fati*; desvela-se a ideia de Destino como força implacável que paira até mesmo sobre os deuses. Aqui, Destino, enquanto Moira representa as leis necessárias da natureza, as quais regulam a ordem do universo. E sobre as quais nem nós, nem os deuses temos domínio algum. Lei natural e necessidades, categorias tão caras à história do conhecimento, passam a ser marcas de modos de vida, histórias, vivências e experiências governadas pela toda poderosa força do Destino. Este é meu sentimento quando hoje, vivendo em Porto Alegre, dou-me conta do que sou e, do que não sou, como resultado de uma história cuja própria vida encarregou-se de conduzir. Compõe o meu ser hoje, um grande movimento – um devir – um vir a ser. Entendo-me não rotulado em conceitos ou regionalismos, eu pareço pertencer a territórios, de modo específico àqueles caracterizados pela viagem, pela travessia. Quando me descubro em movimento, eu percebo de forma clara meu sim à vida. Podemos notar agora, a posição decisiva da minha pergunta inicial sobre o Destino e, de que modo interpreto esse conceito como capaz de nos fazer repensar processos formativos. A partir da categoria de Destino nos perguntamos necessariamente pelo tempo da formação, o qual ao contrário das forças pragmáticas e utilitaristas, não pode ser entendido como fluxo, nem mesmo possui um fim. Dessa forma as experiências formativas, que devem necessariamente conceber a dinâmica da vida, abrem-se não só às certezas do viver, mas sobretudo, à possibilidade do incerto.

\*\*\*

Daí a ideia fundamental que está presente em Berman, e que assumi como caminho para este ensaio: de que *Bildung* (Formação) como viagem é a experiência da alteridade. O outro, em toda a minha viagem, esteve a me questionar num movimento hermenêutico de estranheza e familiaridade. Compreendi daí o meu vir a ser. Em terra estrangeira eu vivo na fronteira: um movimento perene que não confirma uma identidade. Me parece que, em sentido amplo a noção de Destino nos ajuda a questionar todas as pretensões estáticas, objetivas e seguras de si. A partir da noção de Destino, essa que assumimos desde o início de nossa reflexão, expõe o caráter dinâmico da *Bildung* como caminho (*Erfahren*). Estar a caminho significa embarcar numa viagem, cuja vida e Destino, são os condutores. Dito assim, tenho a impressão que minha história de vida caracteriza-se como um movimento que me tornou outro a partir da

alteridade dos lugares, mundos e pessoas com as quais encontrei. De forma angustiante, essa viagem formativa confrontou-se a todo custo, com uma força para além do meu controle, com tudo que eu não era. Como resultado, tenho forte em mim, essa impressão, tal movimento dinâmico da *Bildung* apresentou-me sempre um reencontro comigo mesmo. As leis que imperam no viajar coincidiram a todo instante, com as leis da alteridade. É na profundidade do diferente que encontrei de modo íntimo o meu ser. Estranheza e familiaridade caracterizam os lugares aos quais sempre me vejo de volta ao percorrer caminhos diversos. Dessa forma a *Bildung* nunca designa um lugar ao qual pretendemos ir, mas uma viagem na qual sempre podemos nos formar e educar. Estranheza de mundo e de si mesmo, é a marca por excelência de quem se põe em viagem, e, assumo com essa reflexão, esse modo de ser: um devir. Interpreto-me muito próximo ao que Heráclito afirma sobre o universo que se incendeia e ora de novo se compõe do fogo. Assim o sou, um vir a ser de quem está na fronteira, na travessia: “acendendo-se em medidas e apagando-se em medidas” (HERÁCLITO, fragmento 30).

*Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: – assim me tornarei um daqueles que fazem belas as coisas. Amor Fati (amor ao Destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim. (NIETZSCHE, 2001).*

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Antoine. **Bildung et bildungsroman**. Le temps de la réflexion, v. 4, Paris, 1984.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. v. I. 11. ed. Vozes: Petrópolis, 1997.

ÉSQUILO. Os Persas. In: **Tragédias**. Tradução de Torrano. São Paulo: Jaa. Iluminuras, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Maurer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HERÁCLITO. **Fragmentos**. São Paulo: editora Nova Cultural, 1996 (Coleção Os Pensadores).

LEÃO, Eryc de Oliveira. Lei natural, causalidade e Destino – alguns apontamentos sobre a relação entre as moiras e os deuses em Ésquilo. **Revista Estética Semiótica**. v. 6, n. 2, 2016.

NIETZSCHE, F. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. da Letras, 2001.

SUAREZ, R. Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). **Kriterion**. 2005, v. 46, n. 112, p. 191-198.

[Recebido: 30 maio 2018 – Aceito: 30 jun. 2018]